

# A SINTAXE DO MACHISMO: IMAGEM DE DILMA ROUSSEFF VIA EXPRESSÕES NOMINAIS DEFINIDAS

Cryсна Bonjardim da Silva Carmo<sup>1</sup>

Hadassa Andrade Cordeiro<sup>2</sup>

Tailana Celina Braz Botelho<sup>3</sup>

**Resumo:** Este estudo examina as expressões nominais definidas usadas para engendrar um certo tipo de imagem de Dilma Rousseff, na obra *Dilmês: o idioma da mulher sapiens* (ARAÚJO, 2016). Para esta tarefa, como marco teórico, além do aparato da Linguística Textual (KOCH, 2005a; 2005b) e da Linguística Cognitiva (LAKOFF & JOHNSON, 2002[1987]), lançamos mão da categoria analítica de gênero, tanto dentro da Linguística (SILVA, 2019) quanto dentro das Ciências Sociais (SCOTT, 1995). Como metodologia, elegemos a Linguística de *Corpus* (SARDINHA, 2004) e, para manipulação dos dados, selecionamos o concordanciador *AntConc* (ANTHONY, 2020). Considerando os números do *corpus* e o arranjo sintático das ENDS, constituídas a partir do referente 'dilmês' (2º termo no *rank* de ocorrências), os resultados demonstram um empreendimento da imprensa na desqualificação da imagem de Dilma Rousseff. Neste esforço, satirizam seu discurso, a ponto de nomeá-lo ao introduzir o neologismo o *dilmês* no MCI DILMA ROUSSEFF; e atacam o seu jeito de ser mulher. Como disse o ex-presidente do Senado, Renan Calheiros, em áudios vazados pela Lava Jato em 2016: *todos estão putos com ela*.

**Palavras-chave:** Expressões Nominais Definidas; Modelos Cognitivos Idealizados; Gênero; Dilma Rousseff.

## 1 Introdução

O cargo de presidente do Brasil nunca havia sido ocupado por uma mulher até a eleição de Dilma Rousseff, em 2011. Nesse novo cenário político, o discurso machista, estruturante da sociedade brasileira, ganhou proeminência pois tinha

<sup>1</sup> Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais [UFMG]. Mestre em Letras/Linguística pela Universidade Federal de Juiz de Fora [UFJF]. Professora Assistente da Universidade do Estado da Bahia [UNEB]. Integra o quadro docente permanente do Programa de Mestrado em Letras do Departamento de Educação – Campus X da UNEB, recentemente aprovado. Vincula-se ao Grupo de Estudos Interdisciplinares em Cultura, Educação e Linguagens [GEICEL]. e Linguagens [GEICEL]. E-mail: crysnabonjardimsc@gmail.com

<sup>2</sup> Graduanda em Letras, Língua Portuguesa e Literaturas, pela Universidade do Estado da Bahia. E-mail: hadassa.cor@gmail.com.

<sup>3</sup> Graduanda em Letras, Língua Portuguesa e Literaturas, pela Universidade do Estado da Bahia. E-mail: lanacel2012@hotmail.com.

na figura da presidenta um alvo<sup>4</sup>. Dentre as formas de manifestação linguística desse discurso estão *as expressões nominais definidas* (KOCH, 2002, 2005a, 2005b). Porém, diferente de outras estratégias de retomada de referentes textuais, tais expressões podem acrescer a esses referentes características positivas ou negativas. Diante disso, este estudo examina as expressões nominais definidas usadas para engendrar um certo tipo de imagem de Dilma Rousseff na obra *Dilmês: o idioma da mulher sapiens*, do jornalista Celso Arnaldo Araújo, 2016. Para esta tarefa, como marco teórico, além do aparato da Linguística Textual (KOCH, 2005a; 2005b) e da Linguística Cognitiva (LAKOFF & JOHNSON, 2002[1987]; SILVA, 1997; CARMO, 2005), este estudo lança mão da categoria analítica de *gênero*, tanto para a Linguística (SILVA, 2019) quanto para as Ciências Sociais (SCOTT, 1995), uma vez que esta questão tem atravessado atualmente o cotidiano das pessoas, colocando em cheque postulados sociais estruturantes que, guiados pelo falocentrismo, impunham às mulheres o papel de coadjuvante na cena política. Como metodologia, elegemos a Linguística de *Corpus* (SARDINHA, 2004) para tratamento dos dados, já que esta oferece a possibilidade do olhar qualitativo e quantitativo sobre os dados. Sendo assim, selecionamos o *AntConc* (ANTHONY, 2020) como a ferramenta para essa tarefa.

## 2 Arcabouço Teórico

Explicitamos, nesta seção, os postulados da Linguística que orientam este estudo, quais sejam: as *expressões nominais definidas* e os *modelos cognitivos idealizados* (MCI). O primeiro, advém do campo da Linguística Textual e o último da Linguística Cognitiva. Em seguida, discutimos a categoria analítica de *gênero*, dentro da Linguística e das Ciências Sociais, que, a nosso ver, atravessa as categorias linguísticas destacadas.

### 2.1 Expressões nominais definidas

Em linhas gerais, ao recortar as expressões nominais definidas como objeto de investigação, este estudo trata de estratégias de referenciação. Ou seja, processos que circunscrevem a construção, representação e retomada de *referentes textuais* em uma dada ocorrência comunicativa. Assim sendo, o referente textual não é algo dado, mas constituído dentro do discurso via cadeias de ligação linguística, bem como envolve domínios cognitivos determinados social e culturalmente. Tais modelos encontram-se armazenados na memória individual e coletiva dos sujeitos (KOCH, 2002). Assim, podemos afirmar que a referenciação está ligada diretamente à *coesão*, a qual abrange *todos os processos de sequencialização que asseguram (ou torna recuperável) uma ligação linguística significativa entre os elementos que*

<sup>4</sup> Trataremos Dilma Rousseff como ex-*Presidenta*, não só porque a gramática permite, mas também pelo seu significado político.

ocorrem na superfície textual (KOCH, 2005a, p. 18). Esses elementos que recuperam a referência, na realidade, são itens da língua que não podem ser interpretados isoladamente, pois remetem a outros itens do discurso. Em outras palavras, esses itens retomam entidades determinadas dentro de uma dada situação comunicativa, tanto na língua falada quanto na língua escrita.

Koch (2005a), a partir do trabalho de Halliday e Hassan (1976), apresenta cinco tipos de mecanismos de coesão: *referência* (via pronomes pessoais, demonstrativos e comparação); *substituição* (uso de itens coringas em lugar da repetição de um item particular que pode ser nominal, verbal, frasal); *elipse* (substituição de um item nominal, verbal, frasal por zero – Ø); *conjunção* (conexões significativas entre palavras ou orações do texto – adição, oposição, causa, tempo, etc); e *coesão lexical* (repetição, sinonímia, hiperonímia, uso de nomes genéricos e colocação). Todavia, esses mecanismos retomam a referência tal como ela se apresenta. Para efeito de exemplificação, tomemos o excerto (69) extraído do *corpus*:

(69) O que choca em **Dilma** não é a oratória em si. Há pessoas preparadíssimas que não se expressam bem — preferíveis, por sinal, às que dão um show de palavreado para camuflar a falta de conteúdo. Mas o **problema de Dilma** sempre pareceu mais complexo. A forma primitiva da fala, da saudação à despedida, já traía na **candidata** o primarismo do pensamento e um despreparo generalizado. **Ela** não apenas falava mal — mas dava a nítida impressão de não saber do que falava, sobre virtualmente qualquer assunto.

Em (69), temos um período formado por 4 orações. A referência *Dilma* é dada no 1º período, cuja retomada é realizada via sintagmas nominais (SN): *o problema de Dilma* no 2º período; *a candidata* no 3º período. Por fim, pelo pronome *ela* no 4º período. Podemos notar que há uma diferença de qualidade das estratégias utilizadas no 3º e 4º períodos: ambos retomam a referência integralmente. A despeito de serem mecanismos distintos, em ambos o pressuposto é uma entidade do gênero feminino, no singular. Em *a candidata*, temos coesão lexical por sinonímia, ao passo que em *ela* temos uma referência via pronome pessoal. Por outro lado, sabemos que o pressuposto do SN *o problema de Dilma* é a referência *Dilma* no 1º período. Contudo, diferente das outras, essa estratégia de retomada usa alguma coisa que constitui o universo de referência *Dilma*.

Esse tipo de mecanismo de coesão, Koch (2002, p. 87) denomina *expressões ou grupos nominais definidos*, ou seja, *formas linguísticas constituídas, minimamente, de um determinante (definido ou demonstrativo), seguido de um nome*. Dentro das configurações sintagmáticas possíveis, tais estruturas podem apresentar: determinante + nome; determinante + modificador (es) + nome + modificador (es). Conforme, Miqueletti e Galembeck (2014), o determinante pode pertencer às classes dos artigos (definidos), pronomes (demonstrativos), ao passo que o modificador pode ser representado por adjetivo, sintagma preposicionado ou oração

adjetiva. Tais formas, conforme Koch (2005a), podem se apresentar como: (1) *descrições definidas* – propriedades de referentes reais, determinadas co(n)textual ou intencionalmente, as quais são atribuídas pelo produtor do texto em uma dada situação comunicativa; (2) *nominalizações* – nomes deverbais, por meio dos quais remete-se a predicação realizada pelo verbo e argumentos da oração anterior; por exemplo: “Os grevistas paralisaram todas as atividades da fábrica. A paralisação durou uma semana” (KOCH, 2005a, p. 50). Contudo, a retomada por nominalização pode ocorrer com a ausência de determinante, no entanto, o nome-núcleo virá seguido de um modificador, demonstrativo, indefinido ou estrutura comparativa; e (3) *unidades metalinguísticas* – construções parentéticas (apositivas) que não se integram sintaticamente a nenhum termo da oração. Na fala, ocorre com uma demarcação prosódica, na escrita entre vírgulas (JUBRAM, 2005).

O fato é que, ao usar o mecanismo das expressões nominais definidas (ENDs), o produtor do texto, oral ou escrito, não só pode acrescentar mais uma informação acerca da referência, como também pode revelar, implícita ou explicitamente, informações importantes sobre as suas crenças pessoais, atitudes e ideologia política, por exemplo. De outro modo: ao selecionar um dado nome ou um modificador para compor uma END, esse produtor transporta um tipo de carga avaliativa que guiará a argumentação do texto. Essa carga, por sua vez, pode ser positiva ou não.

## **2.2 Modelos Cognitivos Idealizados**

A referência envolve, além das cadeias de ligação linguísticas dentro do discurso, representação cognitiva. Isto é, os referentes estão/são armazenados na memória individual e coletiva dos sujeitos. Nos termos da Linguística Cognitiva (LC), a linguagem é uma forma de conhecimento conectado à experiência humana no mundo. Dessa maneira, as unidades e as estruturas linguísticas não seriam entidades autônomas, mas manifestações das capacidades cognitivas gerais, de organização conceptual, de princípios de categorização, de mecanismos de processamento e de experiência cultural, social e individual. (SILVA, 1997). Em outras palavras, a LC defende que todo conhecimento – logo, todo tipo de referência – é armazenado na memória dos sujeitos em domínios conceptuais de duas naturezas: *domínios estáveis* – correspondem a estruturas de memória pessoal ou social que abrangem conhecimentos prévios, apesar de estáticos, podem se modificar com o tempo; *domínios locais* – são operadores dinâmicos de processamento cognitivo, alimentados pelos domínios estáveis, são espaços de construção de referência. Dessa forma, são estruturas lacunares que se proliferam enquanto pensamos e nos comunicamos, haja vista a compreensão e o entendimento das ações linguísticas (LAKOFF & JOHNSON, 2002[1987]; MIRANDA, 2002; CARMO, 2005).

Em razão da natureza deste estudo, dentre os tipos de domínios estáveis, encontramos: os *esquemas genéricos* – domínios mais abstratos e abertos, representam os espaços de homologia entre os diversos domínios que entram no

processo de integração conceptual, a exemplo de esquemas imagéticos como container (recipiente), percurso (caminho), elo (*link*), equilíbrio (balança), parte-todo, centro-periferia, frente-atrás, dentro-fora, perto-longe, em cima-em baixo; as *molduras comunicativas* (de interação) – domínios configuradores de eventos, que incluem identidades, papéis sociais, agenda de encontro, alinhamento, permitindo a identificação do que está sendo posto em movimento, a exemplo de hierarquias sociais; por fim, os *modelos cognitivos idealizados* – domínios que operam a lembrança e o uso de um vasto conjunto de conhecimentos adquiridos na vida diária, a exemplo dos conhecimentos sobre o que é o trabalho, a escola, a política, família, ser homem, ser mulher, a presidência da república (LAKOFF & JOHNSON, 2002[1987]; MIRANDA, 2002; CARMO, 2005).

Neste estudo, recortamos os modelos cognitivos idealizados para descrever Dilma Rousseff como uma referência estruturada também na arena pública, uma vez que ela foi Ministra de Minas e Energia e da Casa Civil nos governos do ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva (2003-2011). Em seguida, eleita para Presidência da República em 2011, Rousseff sofre um Golpe jurídico-parlamentar em 2016 que, apoiado pela mídia, conseguiu retirar a primeira mulher a ocupar o cargo, antes da conclusão de seu segundo mandato. Além disso, a ex-Presidenta é uma vítima notória da Ditadura no Brasil, pois passou quase três anos encarcerada e torturada pelo regime (1970 a 1972).

### **2.3 Questões de gênero: o lugar da língua**

Para incorporar a categoria analítica de *gênero*, este estudo explicita uma consideração sobre o termo. Conforme Silvab (2019), *gênero é um termo polissêmico*, pois atravessa várias esferas do conhecimento humano, tais como: Ciências Biológicas – espécie, categoria; Literatura – épico, lírico, dramático; Linguística – gramatical, discursivo, textual; Artes – figurativa, sacra, alegórica, etc; Ciências Sociais – construção social do sexo. Em todas essas esferas, o termo gênero engloba acepções distintas.

Em Linguística, dentro da discussão gramatical, gênero refere-se às relações morfossintáticas de concordância que envolvem nomes e seus satélites. Entretanto, a despeito do senso comum, além de sistemas linguísticos que observam o sexo na definição da categoria gramatical de gênero – a exemplo das línguas indo-europeias em que um morfema para opor os gêneros masculino (don[o]) e feminino (don[a]), há línguas em que sexo é um dado irrelevante para definir a categoria – a exemplo das línguas algonquianas cuja distinção se dá entre animado e inanimado. Por outro lado, há línguas, como a família dos urálicos, em que essa categoria nem é observável (SILVAb, 2019). Dessa forma, sexo e gênero são dissociados dentro do plano gramatical. Todavia, esse tema é polêmico:

concomitantemente aos movimentos feministas, surgiram teorias de não neutralidade linguística, as quais consideravam a língua sexista. Essas teorias se basearam no fato de o gênero gramatical masculino exercer a função de gênero não marcado, regendo a concordância, por exemplo. (SILVAb, 2019, p. 23)

O fato é que as línguas humanas são sistemas complexos, constituídas por elementos estruturais, pragmáticos e cognitivos que, ao serem efetivadas pelos sujeitos, expressam sistemas de crenças, dentro das diversas situações comunicativas nas quais interagem. Nesse contexto, os sujeitos pouco refletem sobre o funcionamento da gramática de sua língua ou de seu sistema de crenças: ambos estão dados como estruturas pré-existentes. Contudo, as ideias não nascem da gramática ou do léxico, mas dos sujeitos que interpretam o mundo (SILVAb, 2019). Em outras palavras, a língua não é sexista, ela manifesta o sexismo dos sujeitos. No entanto, a flexão de gênero na língua, não é objeto neste estudo, mas as expressões nominais definidas. Sendo assim, importa a perspectiva do gênero das Ciências Sociais, já que estas expressões podem veicular crenças e avaliações.

Nas últimas décadas, a questão de gênero vem ganhando o centro da discussão nas Ciências Sociais e na Política, em razão da difusão da Teoria Feminista, que compreende esta categoria como *um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos* e como *uma forma primária de dar significado às relações de poder* (SCOTT, 1995, p. 86). Dessa forma, a compreensão de gênero se afasta do sentido tradicional no qual é associado ao sexo biológico: se uma pessoa nasce com uma vagina, é identificada com o gênero feminino, se nasce com um pênis, é identificada com o gênero masculino. Contudo, vale salientar que, mesmo dentro da Teoria Feminista, o conceito está em disputa:

O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado (uma concepção jurídica); tem de designar também o aparato mesmo de produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos. Resulta daí que o gênero não está para a cultura como o sexo para a natureza; ele também é o meio discursivo/cultural pelo qual “a natureza sexuada” ou “um sexo natural” é produzido e estabelecido como “pré-discursivo”, anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra sobre a qual age a cultura. (BUTLER, 2003, p. 25)

Em outras palavras, mesmo a Teoria Feminista precisa tomar cuidado para não cair na armadilha de pensar gênero como resultado da cultura, afinal há formas de vida que ultrapassam tanto a noção de sexo biológico quanto os limites do gênero binário, a exemplo das pessoas transgêneros. Entretanto, neste estudo não iremos problematizar essa questão, apenas assumimos que a noção tradicional de gênero tem organizado, como afirma Scott (1995), os sistemas simbólicos que estruturam, implícita ou explicitamente, as instituições que organizam a sociedade: família, igreja, escola, mídia, organizações políticas e jurídicas e, finalmente, os sistemas

linguísticos. Sendo assim, qualquer pessoa ou personalidade que ultrapassa os limites determinados pelo seu gênero sofre sanções, sobretudo se essa for do sexo feminino.

### 3 Procedimentos metodológicos

Como já salientado, elegemos a Linguística de *Corpus* (LC) para tratamento dos dados, já que esta oferece a possibilidade de observá-los tanto de uma perspectiva qualitativa quanto quantitativa. De acordo com Sardinha (2004), a LC ocupa-se da coleta e exploração de *corpus* ou *corpora*: conjuntos de dados linguísticos que foram coletados criteriosamente com o propósito de servirem para a pesquisa de uma língua ou variedade linguística. Todavia, é preciso considerar a acepção de *corpus*, já que este termo é usado em diversas esferas. Na LC, *corpus* é definido como uma coletânea de dados linguísticos naturais, legíveis por computador, diferente de outras coletâneas que não são manipuladas eletronicamente.

Sendo assim, um *corpus* precisa ser composto, obrigatoriamente, por textos autênticos, produzidos por humanos em linguagem natural, seja na modalidade escrita ou falada; a seleção dos dados precisa obedecer a característica do *corpus* a ser compilado; o *corpus* precisa ser representativo e, no mínimo, registrar a linguagem natural utilizada pelos sujeitos produtores em situações reais, com vistas a percepção de traços identitários – por exemplo. O *corpus* compilado para este estudo possui as seguintes características, especificadas na Tabela 1:

**Tabela 1:** Critérios de compilação do *corpus*

Critérios definidores do corpus de estudo		
<b>Modo</b>	escrito	texto escrito impresso (livro)
<b>Tempo</b>	contemporâneo	ano de 2016
<b>Seleção</b>	amostragem	amostra finita (138 páginas)
<b>Conteúdo</b>	especializado	sátira jornalística
<b>Finalidade</b>	estudo	descrição de fenômeno linguístico específico

**Fonte:** Elaborada pelas autoras, 2020.

Para manusear os dados do *corpus*, selecionamos o *AntConc* (ANTHONY, 2020) como a ferramenta. Esse concordanciador pode ser rodado em programas como *Windows*, *Mac* e *Linux* e o seu *download* é gratuito (acesso em: <[www.antlab.sci.waseda.ac.jp/software.htm](http://www.antlab.sci.waseda.ac.jp/software.htm)>). O *AntConc* apresenta as seguintes funções: (1) *Word List*: gera uma lista de palavras do *corpus* em ordem alfabética, por tipo e frequência; (2) *Concordance*: gera as linhas de concordância na qual um determinado termo se encontra no *corpus*; (3) *Concordance Plot*: gera um gráfico semelhante a um *código de barras*, que mostra a distribuição do termo pesquisado no *corpus* ou em um de seus arquivos; (4) *File View*: localiza as diferentes ocorrências do termo no *corpus* ou em um de seus arquivos; (5) *Clusters*: gera uma lista do termo destacado em ordem: alfabética, de frequência, de terminações e de probabilidade;

(6) *Collocates*: gera uma lista das outras palavras próximas ao termo destacado; e (7) *Keyword List*: gera uma lista de palavras-chave com vistas a comparação entre a frequência das palavras do *corpus* de estudo com a frequência das palavras do *corpus* de referência (ANTHONY, 2020).

Para a compilar o *corpus* de estudo, cumprimos as seguintes etapas: (1) seleção dos dados – .pdf do livro; (2) conversão do arquivo em *pdf* para o formato *word*; (3) limpeza dos dados no arquivo em *word*, numeração dos parágrafos com vistas a identificação; (4) conversão do arquivo *word* para *txt*; (5) constituição do *corpus* de estudo – cujo arquivo de computador nomeado *Corpus Sátira Jornalística*; e, por fim, (6) produção de relatório como os resultados obtidos, haja vista a análise.

## **4 Sintaxe do machismo: resultados da análise do corpus**

Em gramática, o termo sintaxe engloba o estudo das funções das palavras na frase, bem como das relações estabelecidas entre elas. Por extensão, sintaxe se refere a qualquer agrupamento de normas e preceitos que ordena qualquer tipo de linguagem. Nesse sentido, podemos afirmar que o machismo, enquanto sistema ideológico, também possui uma sintaxe. Assim, este estudo, ao examinar as expressões nominais definidas, usadas para engendrar um certo tipo de imagem da ex-Presidenta Dilma Rousseff a partir da obra *Dilmês: o idioma da mulher sapiens*, resvala na outra sintaxe do machismo, estabelecido a partir da assimetria entre os gêneros. Para demonstrar a correlação entre essas duas sintaxes, cumprimos o seguinte trajeto: (i) apresentamos o desenho do Modelo Cognitivo Idealizado (MCI) da referência Dilma Rousseff; (ii) a descrição sintática das expressões nominais definidas acionadas a partir do MCI; e, finalmente, (iii) a discussão desses resultados a partir do recorte de gênero. Antes, caracterizamos o *corpus* de estudo.

### **4.1 Caracterização do Corpus Sintaxe do Machismo**

O *Corpus Sátira Jornalística* foi compilado com o objetivo de examinar as expressões nominais definidas usadas para engendrar um certo tipo de imagem de Dilma Rousseff. Para tanto, selecionamos a obra *Dilmês: o idioma da mulher sapiens*, escrita pelo jornalista Celso Arnaldo Araújo (2016), como insumo para constituir o *corpus*, cujos dados compõem uma amostra finita da modalidade escrita da língua, contemporâneo, especializado, já que se trata de uma sátira jornalística. Quanto aos números brutos, esse *corpus* de estudo resulta de um livro de 142 páginas. No entanto, para compor o *corpus*, procedeu-se à limpeza dos dados não linguísticos, ou que não compunha o corpo da sátira enquanto gênero. Após compilado e manuseado, via *AntConc*, o *corpus* de estudo apresenta os seguintes números, expostos na Tabela 2:

**Tabela 2:** Números do *Corpus* Sintaxe do Machismo

Total	
135	Páginas
63561	Número de palavras ( <i>tokens</i> )
8143	Tipos de palavras ( <i>types</i> )
854	Parágrafos

**Fonte:** Elaborada pelas autoras, 2020.

O *Corpus* Sátira Jornalística é composto por 135 páginas em formato *txt*, nas quais estão ordenadas em 854 parágrafos. Dentro desses últimos, encontram-se distribuídas 63.561 palavras. Esse número se divide em 8.143 tipos diferentes. Entre esses tipos, os 10 itens lexicais que mais se repetiram no *corpus* foram: Dilma (576), dilmês (246), presidente (193), Rousseff (84), mulher (77), mundo (62), governo (61), discurso (60), primeira (60), Lula (51). Além dessas, destacamos também o termo presidenta que ocupa a 374<sup>o</sup>, ocorrendo 17 vezes. Nas próximas seções, apresentamos os resultados do estudo.

#### **4.2.1 O protagonismo da mídia na composição da imagem da ex-Presidenta: a dilatação do MCI DILMA ROUSSEFF**

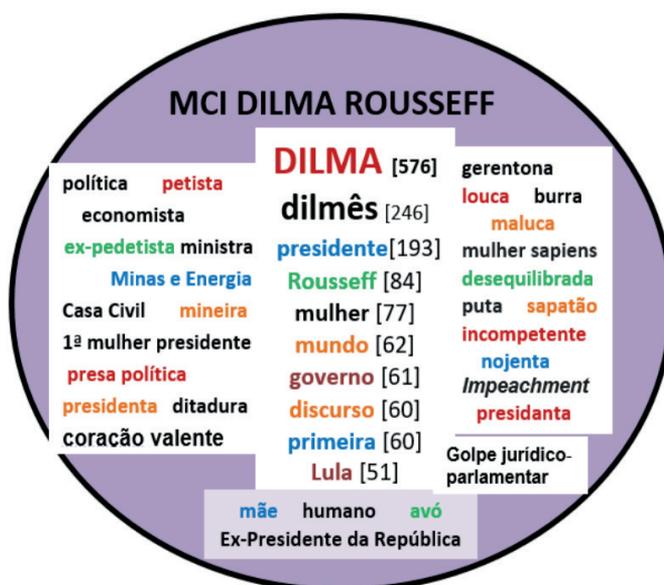
Ao observar os itens lexicais acima, podemos facilmente concordar que alguns se referem diretamente a Dilma Rousseff, tais como: *Dilma, dilmês, presidente, Rousseff, mulher, primeira* (presidente), *Lula, presidenta*. Outros, podem ser relacionados a ela, a depender do momento histórico ou social evocado, afinal são palavras que pertencem também ao universo das diversas instituições e funções políticas, a exemplo de *mundo, governo, discurso*. Esses itens lexicais, extraídos do *corpus*, nos ajudam a compor o domínio de conhecimento Dilma Rousseff nos termos dos *Modelos Cognitivos Idealizados* (MCIs).

Como discutido anteriormente, os MCIs abrangem os nossos conhecimentos interindividualmente partilhados que, armazenados na memória, nos permitem produzir e sustentar as referências que recortam o mundo – tais como pessoas, personalidades, entidades, objetos, lugares, instrumentos – as quais introduzimos nas diferentes situações comunicativas, permitindo-nos agir conjuntamente. Entretanto, esses domínios cognitivos, ao mesmo tempo em que são estáticos, são dinâmicos também. Em outras palavras, há traços e/ou informações que dentro deles são mais estáveis e esquemáticos, pois estão ligados a fatos que não podem ser negados, ao passo que há outros que são introduzidos, haja vista o surgimento de novos fatos – objetivos ou não. Diante desse pressuposto, podemos então postular o MCI DILMA ROUSSEFF.

Dentro desse domínio, elencamos como traços estáveis, além daqueles extraídos do *corpus*, termos como: *ser humano, mãe, avó, política, economista, petista, ex-petista, ex-Ministra de Minas e Energia, ex-Ministra da Casa Civil, ex-Presidenta da República, primeira mulher a ocupar a presidência do Brasil, mineira, presa política*

no período da ditadura brasileira, etc. Entretanto, traços de natureza subjetiva, por natureza mais dinâmicos, podem ser introduzidos, fortalecidos e evocados, dado o objetivo comunicativo do sujeito. Aqui, destacamos o papel dos sistemas de comunicação na atribuição de *etiquetas* à referência Dilma Rousseff, quando essa ocupava a presidência da República. Na mídia, manchetes com diversos tipos de qualificadores eram comuns, a exemplo de “Dilma, a gerentona sem pecados”, “Uma presidente fora de si” (PARDELAS; BERGAMASCO, 2016), “Dilma, a vigarista, merecia virar sucessora de Maria I, a Louca” (NUNES, 2018). No Facebook, páginas como a do Movimento Brasil Livre (MBL) costumavam usar adjetivos como louca, maluca, desequilibrada, burra, puta, nojenta (Cf. SILVA, 2019). Da mesma forma, neologismos foram criados para se referirem a ela, como presidanta (DICIONÁRIO INFORMAL, 2013), mulher sapiens (DESCICLOPEDIA, 2020) e dilmês – o idioma da presidente. Para efeito de representação, a seguir o MCI DILMA ROUSSEFF, constituído a partir das palavras acima referidas:

**Figura 1:** MCI Dilma Rousseff



**Fonte:** Elaborada pelas autoras, 2020.

Dado os limites deste artigo, diante de todos esses itens que podem servir de *núcleo sintático* ou *satélite* em expressões nominais definidas, selecionamos aquelas que contêm o item lexical *dilmês*. Essa escolha sustenta-se nos seguintes argumentos: (i) é o segundo termo que mais ocorre no *corpus*; (ii) é um neologismo derivado do nome de Dilma; (iii) é um termo criado para caracterizar uma suposta debilidade linguística da ex-Presidenta .

#### 4.2.2 Expressões nominais definidas: o caso do referente *dilmês*

Como dito anteriormente, *dilmês* é o segundo termo em número de ocorrências no *corpus* de estudo. Proporcionalmente, o seu peso é de 0,38%, frente aos primeiro e terceiro lugares, respectivamente 0,90% (Dilma) e 0,30% (presidente),

em um universo de 100% (63.561 palavras). Nesse quadro, o peso dos termos lexicais recortados – Dilma, dilmês e presidente – é significativo diante do total de palavras do *corpus*. Se considerarmos que dilmês, o segundo termo mais usado no processamento da referência, não é dicionarizada, este alcança um *status* especial. Sobretudo, se considerarmos também a motivação para a sua criação. Antes de tratarmos dessa questão, cabe uma observação de natureza estrutural.

Do ponto de vista morfológico, o termo dilmês é um *neologismo* (ALVES, 2004), pois: (1) envolve a extensão semântica de uma palavra já existente – aqui, delimitando à ex-Presidenta do Brasil enquanto referência no mundo; (2) relaciona-se com outros paradigmas via processos derivacionais: Dilma [NOMEFEM] < dilmo (Cf. SPERANDIO, 2019) [NOMEMas] < dilmou (Cf. MATOS, 2020) [VERBO] < dilmando (Cf. KICIS, 2020) [GERÚNDIO]; (3) não se encontra formalmente dicionarizado. Isso é possível, graças à capacidade cognitiva que os seres humanos têm de produzir associações, lembrando Saussure (2005 [1916], p. 143): “sua sede está no cérebro; elas fazem parte desse tesouro interior que constitui a língua de cada indivíduo. Chamá-las-emos relações associativas”. Em outras palavras, é um processo de analogia, ou seja, uma derivação motivada pela replicação de formas já existentes (BASÍLIO, 1997). Quanto ao processo de formação, temos um caso de derivação sufixal, na qual uma base [Dilm-] é ligada a um sufixo [-ês]. Em português, este sufixo [x-ês/esa] é responsável pela formação de nomes que designam profissão, títulos honoríficos de posição social (marquês/a, burguês/a, camponês/a) e termos que indicam nacionalidade e/ou origem (português/a, japonês/a, francês/a). No *corpus*, sintaticamente, encontramos dilmês ocupando o núcleo das expressões nominais definidas (ENDs), como se pode observar na Tabela 3:

**Tabela 3:** Descrição sintática das expressões nominais definidas em que o núcleo é *dilmês*

Total	Descrição sintática das ENDs	Expressões nominais definidas encontradas no Corpus Sintaxe do Machismo
167	[Art Def N] <sub>SN</sub>	[o dilmês]
54	[N] <sub>SN</sub>	dilmês
10	[Art Def N Mod] <sub>SN</sub>	[o dilmês escrito], [o dilmês clássico], [o dilmês emergente], [o dilmês contábil], [o dilmês castiço], [o dilmês oficial], [o dilmês rústico], [o dilmês erudito]
04	[N Mod] <sub>SN</sub>	[dilmês papal], [dilmês castiço], [dilmês puro], [dilmês bossa-nova]
02	[N [Prep N] <sub>sprep</sub> ] <sub>SN</sub>	[dilmês de vexame], [dilmês de construção]
04	[Art Def Mod N]	[o atormentado dilmês], [o próprio dilmês], [o dr. Dilmês], [o primeiro dilmês]
01	[Art Def N Mod] <sub>SN</sub>	[a página dilmês]
01	[Art Def Mod N Mod] <sub>SN</sub>	[o espantoso dilmês oral]
02	[Art Def N [Prep N] <sub>sprep</sub> ] <sub>SN</sub>	[o dilmês de gênero, o dilmês de palácio]
01	[Art Ind N Mod] <sub>SN</sub>	[um dilmês cerimonioso]

**Fonte:** Elaborada pelas autoras, 2020.

Para efeito de exemplificação, observemos o excerto (418), no qual o termo *dilmês* ocupa a posição de núcleo do sintagma, sendo modificado, por sua vez, pelo adjetivo *espantoso* e *oral*. Interessante que este último pressupõe a existência de um *dilmês escrito*, encontrado em (428):

(418) Não importa. O que mais interessa nessa viagem é que, em Xi'an, depois de ver cenário tão impressionante, Dilma deixou consignada sua admiração no livro de ouro do museu. A exemplo daqueles guerreiros, é uma relíquia para a eternidade, sem a intermediação **do espantoso dilmês oral**.

[...]

(428) Da China para a Índia, foi um pequeno passo para a presidente, mas um grande salto para a humanidade. Em março de 2012, após visita ao Taj Mahal, o mausoléu que é o maior ícone indiano, Dilma deixou outra mensagem num livro de ouro — e com ela se completaria o quarteto fantástico de manifestações **do dilmês escrito** para a posteridade

Dentro do *corpus*, dada a consistência das ocorrências, o termo *dilmês* constituiu-se como uma referência no mundo, ligada ao MCI DILMA ROUSSEFF. Tanto que o termo também é retomado via expressões nominais definidas, tal como expostas na Tabela 4:

**Tabela 4:** Descrição sintática das expressões nominais relativas que retomam o termo *dilmês*

Total	Descrição sintática das ENDS	Expressões nominais definidas encontradas no Corpus Sintaxe do Machismo
05		
01	[Art Def N [Prep N Mod] <sub>Sprep</sub> ] <sub>SN</sub>	[o idioma da mulher sapiens]
01	[Art Def N [V [Prep N] <sub>SV</sub> ] <sub>Sprep</sub> ] <sub>SN</sub>	[o idioleto-fenômeno falado pela presidente]
01	[N Mod [Prep N [Prep N Adj] <sub>Sprep</sub> ] <sub>Sprep</sub> ] <sub>SN</sub>	[idioma assemelhado ao búlgaro por sintaxe genética]
01	[Pron N [V [Prep Mod N] <sub>SV</sub> ] <sub>Prep</sub> ] <sub>SN</sub>	[esse idioleto conjugado pela presidente Dilma]
01	[Art Def N [Prep Mod N [Prep N Mod] <sub>Sprep</sub> ] <sub>Sprep</sub> ] <sub>SN</sub>	[o nome do novo idioma da política brasileira]

**Fonte:** Elaborada pelas autoras, 2020.

Em (819), vemos o contexto de uma dessas expressões relativas ao termo em destaque. Na primeira oração do excerto, temos a referência *dilmês*, retomada na segunda oração com a ENDS: esse idioleto conjugado pela presidente Dilma.

(819) Diante dessa sintaxe particularíssima, seria possível fazer algum glossário **do dilmês**? Elencar um conjunto de termos, ditos ou expressões que caracterizem filologicamente **esse idioleto conjugado pela presidente Dilma**?

Em outras palavras, *dilmês*, termo criado para fazer referência à ex-Presidenta, é alçado à condição de referente no mundo. Configurando-se, dentro do MCI DILMA ROUSSEFF, como uma espécie de sub-MCI, no qual encontramos traços como: oral, escrito, clássico, castiço, oficial, emergente, contábil, de gênero, bossa-nova, papal, etc. Isso comprova o dinamismo dos domínios de conhecimento e o poder referencial das expressões nominais definidas – sejam essas com avaliação positiva ou negativa. É sobre essa última questão que discutimos na próxima seção.

#### **4.2.3 O idioma da mulher sapiens: um recorte de gênero**

Como este estudo parte do pressuposto de que a língua é uma forma de conhecimento conectado à experiência humana no mundo, as unidades linguísticas, desse modo, são manifestações de como categorizamos o mundo (LAKOFF, 2002 [1987]; SILVAa, 1997). Nesse enquadre, a ideia de gênero social entra na configuração dos modelos cognitivos idealizados e estes, por sua vez, alimentam e sustentam as expressões nominais definidas usadas para engendrar uma certa imagem de ex-Presidenta Dilma Rousseff – e vice-versa. Como vivemos numa sociedade e cultura falocêntricas, podemos afirmar que esses construtos linguísticos foram estruturados a partir do **machismo** – “sistema ideológico que oferece modelos de identidade tanto para o elemento masculino quanto para o feminino. Ele é aceito por todos e é mediado pela “liderança” masculina[...] É um modelo normalizante” (DRUMONT, 1980, p.81).

Como sistema, o machismo parte do pressuposto de que há uma diferença biológica entre homens e mulheres. Essa diferença envolve não apenas traços físicos, mas também subjetivos como emoções, comportamento e formas de inteligência. Tais atributos determinam a que *locus* social e/ou tipo de trabalho acomoda cada gênero, numa espécie de pacto naturalmente dado. Nesse desenho de organização social, aos homens cabe o espaço da *polis*, as atividades que exigem força, inteligência estratégica e liderança, enquanto às mulheres cabe o espaço do lar, as atividades que exigem cuidado, limpeza, capacidade de organização, subordinação. O espaço público, o pensamento e a voz são atribuições dos homens, ao passo que o espaço privado e a escuta são atribuições femininas. De acordo com Scott (1995), essa divisão de gênero, sustentada em pressupostos biológicos e sociais, é uma forma primária de dar significado às relações de poder. Nesse quadro, símbolos (Maria, mãe de Jesus), conceitos normativos (doutrinas religiosas, educativas, científicas, políticas ou jurídicas), perspectiva política de organização social (família, Estado = patriarcado) e identidade subjetiva são criados para sustentar essa que é uma relação de poder primária entre os gêneros, na qual o sexo masculino tem primazia em relação ao sexo feminino. Constituindo, portanto, o machismo como ideologia.

Assim, as manifestações linguísticas tornam-se estratégias poderosas na propagação desse que é uma superestrutura, dado que somos animais que se movimentam dentro das “teias de linguagem” que ordenam o mundo nos termos

dos modelos cognitivos idealizados, os quais se constituem a partir de recortes realizados via signo linguístico. Nesse contexto, se um jornalista, apoiado pela mídia, cunha um item lexical para qualificar uma dada referência, esse termo entra na memória coletiva do corpo social, passando a compor um dos feixes de traços dessa referência, sejam esses positivos ou negativos, à medida que esse é constantemente replicado.

No caso do termo *dilmês*, objeto deste estudo, o caráter é negativo. Isso não só fica flagrante nas expressões nominais definidas extraídas do *corpus*, nas quais o termo ocupa o núcleo da expressão e os modificadores que o acompanham acrescentam traços negativos, como também nas declarações do criador do próprio termo. No *corpus*, ele explicita isso em manifestações do tipo: “A Dilma que publicamente passou a “experimentar” o Brasil com sua estranha novilíngua era um fenômeno”, em (28); “palavras de um estrato mais culto, como ‘autoestima’ e ‘fundamental’, pensamento indigente, tendência a cacoetes de vulgarismo, corruptelas (você = ocê) e o desprezo ao infinitivo dos verbos”, em (30); “flexão de gênero que jamais seria reivindicada pela mais feminista das companheiras do Homo sapiens[...] a autodenominada presidenta – forma gramaticalmente aceita, mas esdrúxula”, em (127). Diante disso, podemos dizer que o termo *dilmês* ganhou vida própria, tanto que conseguiu ser mencionado em uma página da *Internet* que define o conceito de “mulher sapiens”:

**Mulher sapiens** é um ser obscuro, cuja existência apenas veio a tona em 2015, quando a bióloga e então presidanta Dilma, descendente indireta de Darwin, propôs que estes mamíferos são uma evolução lateral do homo sapiens tradicional.

[...]

As mulheres sapiens possuem uma comunicação própria, cuja compreensão foge de todos os aspectos lógicos do mundo racional. Para esta linguagem incompreensível, que não possui padrões e muito menos sintaxe, os linguistas deram o nome de *dilmês*. (DESCICLOPEDIA, 2020)

Além de atestar o caráter negativo do *dilmês* como a linguagem da “mulher sapiens” – uma espécie de humanoide, portanto menos evoluída de que o gênero humano, a página qualifica a própria Dilma assim, já que o *dilmês* é a sua linguagem, a qual é qualificada como exótica, sem lógica, sem sintaxe. O que do ponto de vista linguístico é impossível, já que todas as línguas são sistemas complexos que apresentam obrigatoriamente níveis morfossintáticos, por exemplo. Dessa forma, este estudo pode atestar esse comportamento, linguisticamente violento, direcionado à ex-Presidenta Dilma, nunca empreendido à outra personalidade política do Brasil.

A nosso ver, isso ocorreu porque não só essa mulher ousou ocupar a posição

mais alta das instituições brasileiras - a presidência da República, como o fez com um perfil de “dama de ferro” (Cf. CANDIAL, 2010), traço que, no mundo falocêntrico, a uma mulher não cabe. Tanto que, mesmo depois de extraída do cargo por um Golpe em 2016, Dilma Rousseff ainda continua sofrendo ataques. O último aconteceu dia 21/08/2020, quando o jornal Folha de São Paulo, para criticar o atual presidente pela ameaça à quebra do teto de gastos “para uma ampliação dos investimentos em infraestrutura e de programas sociais para agradar o eleitorado pobre do Nordeste e de outras regiões” (FOLHA DE SÃO PAULO, 2020), o definiu como Jair Rousseff. Para o jornal, seria repetir “o fracasso da última administração petista” (idem); logo, a administração Dilma Rousseff.

## 5 Considerações finais

Neste estudo, assumimos que as línguas humanas são sistemas complexos, resultantes da correlação entre fatores estruturais, cognitivos e pragmáticos e, ao serem encarnadas nas situações comunicativas, os sujeitos não só manifestam suas crenças, como também criam novos referentes, a partir do elenco das ferramentas linguísticas disponíveis cognitivamente. Nesse contexto, destacamos as relações de poder delimitadas pela diferença entre os gêneros, nas quais os homens ocupam uma posição de superioridade em relação às mulheres, dada as limitações físicas, mentais e sociais atribuídas às últimas dentro desses sistemas.

Assim sendo, quando uma mulher ultrapassa ou escapa dos limites impostos dentro dessas relações, é punida de alguma forma: quanto maior a infração, maior a sanção. Esse parece ser o caso de Dilma Rousseff que, não só teve um termo cunhado para identificar a sua forma de falar – o dilmês, como esse termo passou a ter vida própria, a ponto de merecer uma obra dedicada a ele: Dilmês: o idioma da mulher sapiens. Nesse contexto, esse termo não só engrossa o feixe de traços que circunscrevem o MCI DILMA ROUSSEFF, como possibilita a deflagração de inúmeras expressões nominais definidas nucleadas por ele. Ao rastrear essas expressões, é explícita a desqualificação ou a sátira presente nesses sintagmas, cuja ligação referencial, linguística ou extralinguística, é a ex-Presidenta. Diante do *Corpus* Sátira Jornalística e do cenário político recente, é impossível não se perguntar o porquê desse tratamento tão feroz contra Dilma Rousseff.

A resposta está explícita no comentário de Renan Calheiros, Presidente do Senado, em um dos áudios vazados pela Operação Lava Jato, em 25/05/2016: “porque todos estão putos com ela [...] nessa crise toda / estavam dizendo que ela estava abatida / ela não está abatida / ela tem uma bravura pessoal que é uma coisa inacreditável” (Cf. PRAGMATISMO POLITICO, 2016). Para encerrar, lembremos que a noção de feminino, assim como a de mulher, não é mais estável, já que “ambos ganham seu significado problemático apenas como termos relacionais” (BUTLER, 2003, p.9). Contudo, é a “sintaxe” dessas relações que atualmente estão xeque.

# THE SYNTAX OF MACHISM: DILMA ROUSSEFF'S IMAGE THROUGH THE DEFINED NOMINAL EXPRESSIONS

**Abstract:** This study examines the defined nominal expressions (DNE - inicial used in English - ENDS - inicial used in Portuguese) used to build a certain type of Dilma Rousseff's picture, in the book *Dilmês: the language of the sapiens woman* (ARAÚJO, 2016). For this task, as theoretical framework, beyond the support of the Textual Linguistics (KOCH, 2005a; 2005b) and Cognitive Linguistics (LAKOFF & JOHNSON, 2002 [1987]), we use the analytical category of gender, both within Linguistics (SILVA, 2019) and the Social Sciences (SCOTT, 1995). As a methodology, we chose *Corpus Linguistics* (SARDINHA, 2004) and, for data manipulation, we selected the concordant *AntConc* (ANTHONY, 2020). Considering the *corpus* numbers and the syntactic arrangement of the ENDS, constituted from the referent 'dilmês' (2nd term in the rank of occurrences), the results demonstrate an undertaking of the press in the process of disqualifying the image of Dilma Rousseff. In this effort, they satirized their speech to the point of naming it to introduce the neologism or dilmês in the MCI DILMA ROUSSEFF; and they attacked her way of being a woman. As former Senate President Renan Calheiros said in audios leaked by Lava Jato in 2016: *everyone was fucking irate with her*.

**Keywords:** Defined Nominal Expressions; Idealized Cognitive Models; Genre; Dilma Rousseff.

## Referências

ALVES, I.M. *Neologismo*. Criação lexical. 2. ed. São Paulo: Ática, 2004.

ANTHONY, L. *Lawrence Anthony Website (AntConc)*, 2020.

ARAÚJO, Celso Arnaldo. *Dilmês: o idioma da mulher sapiens*. Rio de Janeiro: Record, 2016.

AZEVEDO, Reinaldo. Dilma, a gerentona sem pecados. *Veja*, 13/01/2011. Disponível em: < <https://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/dilma-a-gerentona-sem-pecados/>>.

BASÍLIO, M. O princípio da analogia na constituição do léxico: regras são clichês lexicais. *Veredas*, v. 1, n. 1. Juiz de Fora: UFJF, 1997, p. 9-21.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CANDIAL, Alba Fernández. Dilma, uma "Dama de Ferro" na presidência. *UOL Notícias*, 28/12/2010. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/efe/2010/12/28/dilma-uma-dama-de-ferro-na-presidencia.jhtm>>.

CARMO, C.B.S. A configuração da rede polissêmica de construções agentivas denominais x-ista: Uma abordagem sociocognitiva. *Dissertação* (Mestrado em Linguística), Universidade Federal de Juiz de Fora, 2005. Disponível em < <http://www.laurenceanthony.net/software/antconc/>> Acesso em outubro de 2020.

DESCICLOPEDIA. Português. *Mulher sapiens*. 2020. Disponível em: <[https://desciclopedia.org/wiki/Mulher\\_sapiens](https://desciclopedia.org/wiki/Mulher_sapiens)>.

DICIONÁRIO INFORMAL. *Presidanta*. 2013. Disponível em: <<https://www.dicionarioinformal.com.br/presidanta>>.

DRUMONT, Mary Pimentel. *Elementos para uma análise do machismo*. São Paulo: Perspectivas, 1980.

ECKERT, P.; MCCONNELL-GINET, S. *Think practically and look locally: language and gender as community-based practice*. *Annual Review of Anthropology*, Palo Alto, v. 21, p. 461- 490, 1992.

FOLHA DE SÃO PAULO. Jair Roussef. *Folha de São Paulo*, 21/08/2020. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2020/08/jair-rousseff.shtml>>.

JUBRAM, C. S. Especificidades da referenciación metadiscursiva. In: KOCH, I.; MORATO, E.; BENTES, A. *Referenciación e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005.

KICIS, Bia. Dilma dilmando em Paris. 7/03/2020. Disponível em: <<https://www.facebook.com/biakicisoficial/videos/dilma-dilmando-em-paris/220845442387555/>>.

KOCH, I. G. V. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.

KOCH, I. G. V. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 2005b.

KOCH, I. G. V.C. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto, 2005a.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 2002[1980].

MATOS, William. “Dilmou”: Bolsonaro se enrola ao defender cloroquina, e internautas zoam. *Jornal de Brasília*, 17/07/2020. Disponível em: < <https://jornaldebrasil.com.br/politica-e-poder/dilmou-bolsonaro-se-enrola-ao-defender-cloroquina-e-internautas-zoam/>>.

NUNES, Augusto. Dilma, a Vigarista, merecia virar sucessora de Maria I, a Louca. *Veja*, 26/11/2018. Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/blog/augusto-nunes/dilma-a-vigarista-merecia-virar-sucessora-de-maria-i-a-louca/>>.

PARDELAS, Sérgio; BERGAMASCO, Débora. Uma presidente fora de si. *Isto é*, 1/04/2016. Disponível em: <[https://istoe.com.br/450027\\_UMA+PRESIDENTE+FORA+DE+SI/](https://istoe.com.br/450027_UMA+PRESIDENTE+FORA+DE+SI/)>.

PRAGMATISMO POLÍTICO. Áudios de Renan Calheiros são divulgados: “Ministros do STF estão putos com ela. *Pragmatismo Político*, 25/05/2016. Disponível em: <<https://www.pragmatismopolitico.com.br/2016/05/audios-de-renan-calheiros-sao-divulgados-ministros-do-stf-estao-putos-com-ela.html>>.

SARDINHA, T. *Linguística de Corpus: Histórico e problemática*. *D.E.L.T.A.*, Vol. 16, N.º 2, 2000 (323-367). Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-44502000000200005&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-44502000000200005&script=sci_abstract&tlng=pt)>

SAUSSURE, F. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 2006 [1916].

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Sociedade*, Porto Alegre, v. 20, n. 2, p. 71-99, jul./dez. 1995.

SILVA, A. S. A Linguística Cognitiva: uma breve introdução a um novo paradigma em Linguística. *Revista portuguesa de humanidades*, Vol. 1, Nº 1-2, 1997, págs. 59-101. [pdf] [ISSN 0874-0321]. Disponível em: <<http://www.facfil.ucp.pt/lingcognit.htm>>

SILVA, P. H. De Louca a Incompetente: Construções discursivas em relação À ex-Presidenta Dilma Rousseff. *Tese* (Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem) Universidade Federal de Mato Grosso c, 2019. 139 f.

SILVA, R. S. Predizibilidade da marcação de gênero em substantivos na língua espanhola: uma análise de vídeos do youtube. *Dissertação* (Mestrado em Letras). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2019.

SILVA, A. S. A Linguística Cognitiva: uma breve introdução a um novo paradigma em Linguística. *Revista portuguesa de humanidades*, Vol. 1, Nº 1-2, 1997, págs. 59-101. [pdf] [ISSN 0874-0321]. Disponível em: <<http://www.facfil.ucp.pt/lingcognit.htm>> Acesso: março de 2020.

SPERANDIO, Luan. Porque Bolsonaro é o “Dilmo” da economia. *Gazeta do Povo*, 30/04/2019. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/ideias/por-que-bolsonaro-e-o-dilmo-da-economia>>.

Recebido em 16 de outubro/2020

Aprovado em 17 de novembro/2020